

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS**

**A PERSPECTIVA DAS MASCULINIDADES NO DOCUMENTÁRIO “O  
*SILÊNCIO DOS HOMENS*”**

**ELOIZA DE ALMEIDA GUIMARÃES ALEXANDRE**

Lavras – MG

2021

ELOIZA DE ALMEIDA GUIMARÃES ALEXANDRE

**A PERSPECTIVA DAS MASCULINIDADES NO DOCUMENTARIO “O  
*SILÊNCIO DOS HOMENS*”**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras,  
como parte das exigências do Curso de Pedagogia, como  
parte do requisito para obtenção da conclusão do curso.

Orientador (a):  
ALESSANDRO GARCIA PAULINO

Lavras-MG  
2021

## **DEDICATORIA**

Dedico a todos os homens vulneráveis e aos que pretendem ser e aos que almejam uma educação socioemocional digna aos seus filhos.

## **AGRADECIMENTO**

É com imenso prazer que venho agradecer a todos os envolvidos nessa jornada que me incentivaram, acolheram, consolaram e nunca duvidaram que eu seria capaz de realizar esse trabalho e me mostraram que tudo era possível e que eu poderia ir muito além se eu me dedicasse com afinco nesse processo.

Agradeço em especial ao meu orientador Alessandro Garcia Paulino, que foi uma pessoa ímpar, essencial, incrível, humana, compreensível, acessível, acolhedor, amigo nas horas em que eu mais necessitava de conselhos frente aos meus desafios com relação à pesquisa e que me acalmou nas horas de angústia e desespero também. Sou grata por todo conhecimento dele oferecido e disponibilizado a mim, pelo seu companheirismo e pela nossa relação de amizade e carinho, tenho muita admiração pelo profissional que ele é.

Agradeço a minha família por todo amor dedicado a mim nas horas de ansiedade, preocupação e agonia, meus pais Eva e Evaldo e minha tia Lineia em especial que esteve sempre ao meu lado nessa caminhada. Ao meu irmão Heberth que também não me deixou desistir e me deu todo o apoio para continuar, a minha irmã Ellen e seu filho Estevão (meu afilhado) sempre do meu lado, me distraíndo quando necessário, acolhendo, dando carinho e muito amor.

Gratidão a Deus por ter me dado forças para continuar a persistir e acreditar que a educação vai ser sempre o melhor caminho e ela transforma o mundo. Ao meu curso de graduação da Universidade Federal de Lavras - Pedagogia, que me proporcionou aprendizagens e conhecimento sem igual.

As minhas amigas Milena, Thuanny e Larissa que tive o prazer de conhecer através desse curso maravilhoso, com elas compartilhei conhecimentos, experiências, angústias, ansiedades, medos, dúvidas, alegrias e momentos maravilhosos, aprendi com elas também a me amar, a me reconhecer, a ser melhor a cada dia e amadureci com as trocas mútuas que tivemos.

## EPÍGRAFE

“A dúvida é o princípio da sabedoria”

Aristóteles

## RESUMO

A presente pesquisa analisa a equidade social das construções das identidades de gênero e sexuais, e em como conceito hegemônico estabelece padrões normativos para sociedade e limita as vivências dos sujeitos. Nesse contexto, analisamos os pressupostos que abarcam a masculinidade hegemônica, pois é ela que determina que para ser um “homem viril” é preciso ser e agir dentro dos modelos estabelecidos e pré-estabelecidos pela mesma. Congruente a isso, buscamos assimilar as consequências deste pensamento conservador, pautado na repressão e no binarismo de gênero masculino/feminino, por meio do documentário “*O silêncio dos homens*” (2019), no qual também pontua a pluralidade e possibilidade de uma educação socioemocional revelando que é possível homens e meninos poderem quebrar a barreira e mostrar a sua vulnerabilidade, sentimentos e emoções.

**Palavras-chave:** masculinidade; igualdade de gênero; vulnerabilidade; sentimentos; emoções.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>09</b>
<b>2. Fundamentação Teórica</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Reconstruindo um novo Homem</b>	<b>10</b>
<b>2.2 Masculinidade Hegemônica</b>	<b>12</b>
<b>2.3 O conceito do que é ser homem diante uma sociedade patriarcal</b>	<b>14</b>
<b>2.4 Crise da masculinidade</b>	<b>16</b>
<b>2.5 O emergir do gênero</b>	<b>17</b>
<b>2.6 Teorizando o Gênero</b>	<b>18</b>
<b>3. Metodologia Científica</b>	<b>21</b>
<b>4. Análise do documentário “<i>O silêncio dos Homens</i>”</b>	<b>22</b>
<b>4.1 Recortes</b>	<b>23</b>
<b>5. Considerações Finais</b>	<b>28</b>
<b>6. Referências</b>	<b>30</b>

## 1. Introdução

Ao longo dos séculos os homens vêm sendo o centro, na justificativa de uma teoria androcêntrica, simplesmente por possuir o falo, entretanto, para a psicanálise o tornar-se homem é um processo muito complexo. Perante isso, torna-se um fato social que intrinsecamente foi perpassado de geração em geração, que visa à supervalorização do pensamento masculino, de sua linguagem e de suas verdades.

Nota-se que na atual sociedade, essa supervalorização do pensamento masculino já não é tão relevante, pois foi perdendo sua força no final do século XIX com a “decadência do pai”, com os movimentos antipatriarcais e acima de tudo quando as mulheres passaram a ser ouvidas.

Sabe-se que há poucas publicações em estudos, artigos, coletas de dados e informações dessa temática, nesse sentido, a pragmática dessa pesquisa é entender as construções que cerceiam as masculinidades e de como essas práticas androcêntricas ainda se instauram em discursos e subjetividades masculinas produzindo silêncios e silenciamentos.

Diante disso está pesquisa tem por base, elencar alguns aspectos e posicionamentos da sociedade atual perante as masculinidades por meio do documentário “*O silêncio dos homens*” (2019). É importante salientar que as perspectivas das relações de gênero e sexualidade tornam-se importantes escopos teóricos para propor problematizações e críticas sobre os corpos e sobre a figura do homem presente nas imagens e nos discursos do documentário.

A presente pesquisa provém da necessidade de captar o que a sociedade compreende como masculinidade. Além disso, pontuar o quanto este assunto não é notório e assim viabilizar a temática para que a dimensão social entenda o quão importante é dialogar sobre a questão.

Esta perspectiva motivou a pesquisa, assim sendo, vale ressaltar também a importância do vínculo pessoal e afetivo que a autora tem com o tema, e por estar alinhado com questões de experiências e saberes da infância.

Indubitavelmente, este estudo tem grande relevância no contexto atual por evidenciar questões sociais, políticas e econômicas devido sua ligação com a temática das relações de gênero e sexualidade e que tem por finalidade desconstruir algumas questões, impostas pela sociedade.

A priori, esse estudo estará correlacionado com discussões entre mídia e a educação e sua notoriedade. De forma, pretendemos enfatizar o quão é importante abordar as relações de gênero e sexualidade e por ser uma área que está em ascensão ansiamos que essa pesquisa e escrita possam se tornar uma contribuição efetiva para o campo dos estudos sobre as masculinidades.



Portanto, nos capítulos dessa pesquisa dão-se primeiramente a partir dos conceitos e reflexões sobre o surgimento das masculinidades, no segundo capítulo vamos compreender por meio das análises dos recortes o porquê do silêncio inquietante sobre as masculinidades a partir do documentário “*O silêncio dos homens*” (2019). Por fim, no último capítulo nos debruçaremos sobre discursos advindos do documentário sobre outras possibilidades de entender as masculinidades.

## **2. Fundamentação Teórica**

Para entretecer uma pesquisa e a busca por um resultado que se encaixe no campo de expectativas do objetivo do trabalho, é preciso definir uma base teórica já analisada e divulgada que se estabeleça de acordo com o tema proposto. Além de servir como aporte para o desenvolvimento do trabalho, ela também esclarece aos/às leitores/as os muitos conceitos abordados no intuito do entendimento do escopo que compõem a pesquisa.

Como o objetivo deste trabalho é compreender e analisar a perspectiva das masculinidades a partir do documentário “*O silêncio dos homens*” (2019) torna-se necessário um aprofundamento teórico frente às imagens que envolva a discussão sobre as relações de gênero e sexualidade no intuito da problematização e crítica sobre a construção do que é ser homem na sociedade contemporânea.

### **2.1 Reconstruído um novo Homem**

Perante as dicotomias do mundo moderno, precisamos compreender o contexto histórico e enfatizar a masculinidade enquanto objeto das relações de gênero. Segundo Oliveira (2004), esse conceito foi minuciosamente tangenciado à medida que se fixava a ideia da existência de uma masculinidade hegemônica inquestionável, respaldada na irrestrita dominação masculina. E os empenhos para pôr em debate esse conceito antes “despercebido” são bastantes recentes na sociedade contemporânea.

Congruente a isso, os estudos sobre masculinidades em vários campos do conhecimento têm explicitado uma pluralidade de vivências masculinas, nas quais contêm casos de relações poder e de diferenciação. Isto é, aquelas que contam com maior legitimação denominam-se masculinidades hegemônicas, pautando-se em concepções construídas historicamente e socialmente, evidenciando maneiras ditas “normais” e “corretas” de viver como homem em

dado momento e essas maneiras atuam como um regime de verdade, afetando e produzindo os estilos de vida e identidades.

Ademais, o “Homem” simboliza a espécie humana como tem sido tradicionalmente feito nos idiomas ocidentais. E com o início dos movimentos feministas e dos estudos de gênero, esse simbolismo tem sido contestado, pois não podemos supor que as mulheres estejam sendo representadas.

De modo geral, a palavra “masculino” é correlacionada a palavra homem, concordando com Connell e Messersmidt (2007) apud Strey (2014, p. 7), “ênfaticamente que “masculinidades” não é o mesmo que “homens”. Falar de masculinidades é falar de relações de gênero, ou seja, sobre as posições dos homens em uma ordem de gênero [...]”.

Nesse contexto, Strey (2014) resgata uma questão colocada por Winck e Strey (2007, p. 248) com respeito a essas práticas, lembrando as ideias de algumas autoras feministas (SCOTT, 1995; SAFFIOTI, 1999; STREY, 2004; SOARES, 2005), afirmando que “[...] uma das grandes questões na dinâmica das relações entre os sexos está não somente no fato de as desigualdades serem colocadas previamente, mas - essencialmente - de poderem ser construídas”.

No trecho citado, podemos evidenciar a dinâmica das relações entre os sexos como produtora da desigualdade entre homens e mulheres, que vem sendo construída e legitimada historicamente, socialmente e culturalmente em nossa sociedade.

Segundo Kemmel (2006) apud Eccel e Grisci (2011) evidencia que a masculinidade não é uma intenção inata que se revela em equidade de uma determinada condição biológica, porém, uma ideia socialmente construída, que se relaciona a aspectos culturais e espaço temporais.

A relação entre masculinidade, força, guerra e poder é uma construção cultural, tanto quanto são a emoção, a paz e a vocação para cuidar, enquanto qualidades inatas consideradas “naturais” da mulher. Logo Strey (2014) discorre que na contemporaneidade os homens já descobriram diferentes maneiras de “ser masculino”, tal como podem ser eles cuidadores e promotores da paz sem sentirem-se despersonalizados.

Ainda que, os homens sejam vistos concretamente como sendo aquilo que os homens são, e como eles foram ensinados a ser, seja qual for a compreensão, diversos aspectos indicam que eles são muito diferentes entre si e que as masculinidades são múltiplas, e que se transformam ao longo da história. Mas, há normas não estabelecidas que oferecem modelos de como deve ser um homem e de como ele tem que se comportar, entretanto, esses modelos variam.

## 2.2 Masculinidade Hegemônica

Assim como pontuada anteriormente as identidades masculinas, são construções sociais e não “essências”, nas quais segundo Scott (1990) menciona que foram definidas nos primórdios dos trabalhos sobre a diferença entre sexo e gênero, e a partir da década de 1980, surgiu um conceito do qual foi denominado de “masculinidade hegemônica”. Esse conceito, desde seus exórdios foi entendido como os padrões das práticas, no qual ele se nutria por meio do patriarcado, dando a possibilidade que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse.

Além disso, a masculinidade hegemônica é uma forma de poder entre homens e mulheres, mas também entre homens e a homossexualidade. Sendo assim, a masculinidade hegemônica se distinguia das outras masculinidades, singularmente as masculinidades subordinadas, na qual uma minoria de homens podia exercê-la, ou seja, era uma masculinidade que legitimava ideologicamente a subordinação global das mulheres e de outras sexualidades masculinas, como os homens gays, a eles.

Entretanto, para Kohn (2014) a masculinidade hegemônica/patriarcal varia nas formas de expressão, com os contextos históricos e sociais, mas que caracteriza-se por ser estruturada em oposição à feminilidade e outras formas de masculinidade subordinada, sendo assim, esta forma de masculinidade mantém-se pela dominância institucionalizada.

Congruente a isto, opõem uma estratégia coletiva bem afortunada aos grupos subordinados e que podem ou não estarem explícitas nas relações interpessoais, seja nos meios de comunicação, religião e no mercado de trabalho, ou seja, se um padrão estabelecido de masculinidade hegemônica contesta as posições feitas seja por mulheres ou para outros homens que não ocupam a identidade hegemônica, eles acabam-se adaptando aos novos padrões relacionais vigentes posto pela essa masculinidade. Logo (HOOKS, 2000, p. 81-82):

Nós sabemos que a masculinidade patriarcal incentiva homens a serem patologicamente narcisistas, infantis e psicologicamente dependentes dos privilégios (ainda que relativos) que recebem simplesmente porque nasceram homens. Muitos homens sentem que a vida será ameaçada se esses privilégios lhe forem tirados, já que não estruturaram qualquer identidade essencial.

Vale ressaltar, que a masculinidade hegemônica é construída por aquilo que dita o que é e o que não é ser homem; um homem não chora, um homem não é uma mulher, um homem não sente. Essa masculinidade repudia e ridiculariza a feminilidade, por uma represália de

emocionalidade, pela ênfase do sucesso e estatuto, pela autoconfiança, agressividade, virilidade<sup>1</sup> e homofobia<sup>2</sup>.

Refuta também, que para se transformar um menino em homem resulta a aprendizagem de que a luta pelo poder e a repressão das emoções são essenciais. Salienta-se que o maior dos receios dos homens é não ser o suficientemente homem diante os padrões pré-estabelecidos pela sociedade.

Congruente a isso, Michael Kimmel (1998) apud Kohn (2014), discorre da relação entre masculinidades hegemônicas e subordinadas e o poder suscitado pelo modelo masculino ideal (branco e heterossexual) em oposição a outros modelos considerados desviantes (negros, homossexuais e outras etnias), ou seja, o homem branco heterossexual não necessita questionar a todo tempo a sua masculinidade tendo em vista seu poder em relação a outros grupos.

Essa mesma masculinidade, por exemplo, estereotipa os corpos africanos e os super sexualiza, referindo-se a eles ao deus grego “Dioniso”. Logo Vigoya (2018) ressalta que o conceito filosófico referente a esse deus é entendido como o festeiro, dançarino e sexualmente ativo e as pessoas vislumbravam os corpos africanos dessa maneira. Para o Estado colonial, os poderes sexuais atribuídos aos homens negros ameaçavam a pureza racial e a instituição familiar.

Assim, para os grupos designados sexualmente ou racialmente, há uma classificação/identificação posta entre corpo e a natureza (e não com a cultura) tanto no nível do senso comum, como no de especialista. Nessa perspectiva, Vigoya (2018) ressalta que quando estruturadas no racismo, a virilidade torna-se útil à sociedade colonial e pós-colonial somente na medida que serve aos interesses da masculinidade hegemônica, ou seja, uma masculinidade viril das classes dominantes.

Segundo Vigoya (2018), a resistência dos estereótipos sobre os homens negros, e a manifestação multiculturalista tem permitido que se comecem a pensar o negro “aquém” da pele, isto é, a partir de uma “subjetividade negra encarnada”, com associação a negritudes distintas daquelas postas por quem a estereotipa.

---

<sup>1</sup>Virilidade: Culturalmente, o estereótipo desse conceito, está relacionado com o comportamento do indivíduo do sexo masculino; o período da vida de um homem em que é considerado mais vigoroso, seja sexualmente, psicologicamente ou fisicamente (Significados; [significados.com.br/virilidade](http://significados.com.br/virilidade)).

<sup>2</sup> Homofobia: Essa palavra designa dois aspectos de uma mesma realidade: uma dimensão pessoal de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição aos homossexuais, e uma dimensão cultural de natureza cognitiva, na qual o objeto da rejeição não é o indivíduo homossexual, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social (BORRILLO, 2009, p. 19).

Portanto, a masculinidade hegemônica exerce o poder e o controle das práticas cotidianas, justificando suas atitudes baseadas no patriarcado onde as relações de gênero são quase inexistentes ou invisibilizadas e as sexualidades são cada vez mais normalizadas e normatizadas de acordo com o padrão heterossexual.

### **2.3 O conceito do que é ser homem diante uma sociedade patriarcal**

Na década de 80 no séc. XX, o conceito de masculinidade se instalou e foi aceito, porém discutido e contestado, pois era mais abstrato do que descritivo, em termos de um sistema de lógica patriarcal de gênero.

Nesse sentido, a masculinidade hegemônica passou a ser masculinidades hegemônicas. Segundo Schrock e Schwalbe (2009) apud Kohn (2014) contudo referem que não podemos falar de masculinidade no singular, mas sim que há múltiplas masculinidades. E essas masculinidades no plural nos remete às diferenças entre grupos de homens, não com relação aos corpos, mas com relação às diferenças nas atitudes de ser homem. Porém, ainda na contemporaneidade, os homens ainda têm o pensamento de uma masculinidade hegemônica (no singular), o qual tem dificultado bastante a expressão de novos modelos de masculinidades.

Para entendermos melhor sobre esses modelos de masculinidades, precisamos compreender em qual contexto ele surgiu e como se dá essa relação nos tempos de hoje. A partir do marco histórico do movimento feminista e com suas conquistas, houve a modificação na relação entre homens e mulheres. De acordo com Scott (1990) os estudos da década de 60 foram essenciais, pois deram possibilidades de múltiplas masculinidades, no qual rompeu com o enfoque rígido e polarizador dos papéis sexuais, ampliando o conceito de gênero para além da dicotomia masculino e feminino e ligando-o a aspectos que estruturam as relações sociais.

Na década de 70, já haviam estudos que destacavam a masculinidade. Burin (200) apud Kohn (2014, p. 344):

[...] destaca que é a partir dos anos 70, nos países anglo-saxões, que os próprios homens começaram a interrogar-se sobre sua identidade, dando origem a uma série de estudos, que avançaram na década de 80, sobre a construção social da masculinidade.

Consoante Kohn (2014) nos menciona que para que o homem e as masculinidades tornassem objetos de estudos, foram necessárias algumas mudanças de cenário, como: o movimento feminista contestando a dominação do homem sobre a mulher, o movimento

LGBTQIA+<sup>3</sup>, que deu mais visibilidade a outras formas de masculinidade, o estudo das relações conjugais e a violência doméstica, a qual abriram lacunas para questionamentos referentes ao comportamento masculino.

Tornar-se homem, é pôr a prova todos os dias sua virilidade, e ela nunca é definitivamente adquirida, devendo ser constantemente (re)conquistada. Segundo Elisabeth Badinter (1993) apud Kohn (2014, p. 344), ser homem:

[...] implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres. É mais raro ouvir ‘seja mulher’ como uma chamada à ordem, enquanto a exortação feita ao menino, ao adolescente e mesmo ao adulto masculino é lugar comum na maioria das sociedades.

Isto é, o sentido para ser homem, em diversas culturas, etnias, crenças, precisa ser conquistado. Desse modo, por estar posta no âmbito do gênero e da sexualidade, a masculinidade é construída em um espaço totalmente político e social, dependendo de questões mutáveis e, por isso mesmo, tornando essa imagem fragilizada e ameaçada.

Na concepção de Kohn (2014), os alicerces das masculinidades são semeados na infância pelas experiências adquiridas nos ambientes escolares, familiares e com os amigos. O conceito do que é ser homem diante de uma sociedade patriarcal baseia-se, em figuras de linguagens negativas que orientam que homem não chora, não demonstra seus sentimentos, não podem ser fracos e jamais podem ser perdedores, isto é, o estereótipo do macho é definido por regras exacerbadas da sociedade em que os meninos vivem. E nas suas interações, aprendem a restringir seus vínculos e não demonstrar emoções e fragilidades, pois o que importa são as atitudes de macho que irá definir o “homem de verdade” que a sociedade impõe. Neste sentido Kohn (2014, p. 345) nos menciona:

[...] que ser homem pode ser definido sob duas óticas: uma que tem como base a sociedade patriarcal na qual as demandas da sociedade para o menino apontam para a representação do homem de verdade. E outra que aponta para

---

<sup>3</sup> LGBTQIA+; L- Lésbicas: mulheres que sentem atração sexual e afetiva por outras mulheres; Gays: homens que sentem atração sexual e afetiva por outros homens; B- Bissexuais: pessoas que sentem atração sexual e afetiva por homens e mulheres; T- Transexuais ou travesti: pessoas que assumem o gênero oposto ao de seu nascimento. Uma identidade ligada ao psicológico, e não ao físico, pois nestes casos pode ou não haver mudança fisiológica para adequação; Q- Queer: sempre foi usada como uma ofensa para a comunidade LGBTQIA+, no entanto, as pessoas do grupo se apropriaram do termo e hoje é uma forma de designar pessoas que não se encaixam à heterocisnormatividade, que é imposição compulsória da heterossexualidade e da cisgeneridade; I- Intersexo: pessoas que não se adequam à forma binária (feminino e masculino) de nascença, ou seja, seus genitais, hormônios, etc., não se encaixam na forma típica de masculino e feminino; A- Assexual: pessoas que não possuem interesse sexual. Por vezes, esse grupo pode ser também aromântico ou não, ou seja, ter relacionamentos românticos com outras pessoas; +: o mais serve para abranger as demais pessoas da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero (<https://simpleorganic.com.br/blogs/simple-blog/sigla-lgbtqia?page=1>).

uma redefinição dos papéis de homens e mulheres, na qual os homens são incentivados a uma maior aproximação e vínculo – principalmente com os/as filhos/as – e a demonstrar suas emoções e sensibilidade, sem que isso comprometa, é claro, a sua virilidade.

Assim sendo, compreendemos que as masculinidades podem ser expressas de várias formas pelos homens e, para assimilá-las, é necessário perceber quais as dimensões culturais, históricas, sociais e estruturais da sociedade em que elas se manifestam. As pesquisas sobre os homens têm pontuado que a noção de homem genérico já não existe mais e que eles também são direcionados por um método dito ideal e hierarquizado.

## **2.4 Crise da masculinidade**

A chamada crise da masculinidade, pôs a prova o modelo de macho viril e trouxe à tona as demandas por homens sensíveis, que expressam suas emoções e que contribuíssem de fato para a quebra de estigmas sociais e estereotipações sobre as novas configurações sobre o que é ser homem.

Kohn (2014) afirma que ela teve origem no início do séc. XX nos Estados Unidos, com as oscilações nas transformações mundiais de cunho econômico e geográfico, que promoveram as redefinições dos padrões tradicionais de masculinidade, abalando a hegemonia do modelo ideal de homem – branco e heterossexual, ou seja, uma aversão contemporânea dos utópicos valores masculinos junto dos ideais modernos que os sustentavam. Desse modo, os avanços do movimento LGBTQIA+, movimentos feministas e de direitos civis também foram essenciais e contribuíram para a desestabilização dos papéis masculinos.

Visto que, a crise da masculinidade surgiu em um ambiente de transição, no qual os homens viram nascer a possibilidade e a oportunidade de contestar e de diferenciarem-se dos papéis rígidos estabelecidos na sociedade, papéis esses que devem ser repensados para além do que já está instituído e posto pela lógica patriarcal que nos parece um repensar da própria identidade. No entanto, Kohn (2014) alega que não podemos reduzir a crise da masculinidade somente ao resultante do feminismo. Homens e mulheres, crianças e adolescentes estão perante um mundo em que é preciso repensar definitivamente seus conceitos, valores e papéis, e as transformações daí provindas são um produto de uma luta diária e de resistência frente aos poderes estabelecidos.

Contudo, em virtude da relação existente entre homens e mulheres, é viável que os homens adotem outros tipos de atitudes frente às questões do afeto, sensibilidade, da função

paterna e social com a intenção de que ocorram algumas mudanças nessa relação e que se modifique o rumo da história. Assim sendo, que o rumo da história mude nas construções das práticas sociais implicando uma ruptura de modelos que reforçam as desigualdades de gênero e os preconceitos ligados a sexualidade.

Similar a isso Nolasco (1995) apud Kohn (2014 p. 335) pontua que “o novo homem é um produto de mais uma possibilidade que foi concedida pelo individualismo”. E para que ocorra essas transformações é necessário que o homem vá além da sua relação estabelecida com as mulheres e com outras identidades ditas subordinadas, é fundamental que haja uma nova relação construída com eles próprios, repensando a multiplicidade de possibilidades que configuram a construção das masculinidades.

## **2.5 O emergir do gênero**

No séc. XIX, a palavra gênero era usada como mera forma gramatical e ainda de forma errônea, através de séculos foi utilizada de modo figurado nos termos gramaticais para evocar apenas os traços de caráter ou os sexos. De acordo com Scott (1995) com o advento dos movimentos feministas essa palavra passou a ser seriamente colocada como algo importante a ser tratado e abordado, ou seja, dando assim um lugar de fala, num sentido mais literal, se referindo às organizações/construções sociais da relação entre os sexos.

Por muito tempo os/as historiadores/as e feministas pesquisaram e analisaram uma forma mais analítica do termo “gênero”. Esse termo enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo Natalie Davis (1975) apud Scott (1995, p. 72) afirmava que:

[...] deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeito, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, e encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la.

Desse modo, Garcia (1998) apud Kohn (2014) pontua que o desafio é continuar a trabalhar com a perspectiva de gênero, como algo relacional, portanto, os temas abordados por gênero como masculinidade e feminilidade não podem ser tratados de maneiras separadas, mas ambos em relações entre si e as outras dimensões sociais, históricas e culturais.



No tocante, o objeto dos estudos de gênero pode ser percebido de forma mais ampla, não apenas aplicando aos estudos das mulheres. Diante disso, “gênero” era proposto por aquelas que sustentavam que os estudos sobre as mulheres transformariam os paradigmas disciplinares, ou seja, as pesquisadoras feministas desde o princípio afirmaram que as pesquisas sobre mulheres não acrescentariam somente novos temas, mas que iriam impor igualmente um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente, obtendo assim uma nova história, na qual o gênero podia ser desenvolvido como uma categoria de análise.

Segundo Scott (1995), discorrer sobre gênero é abordar de uma maneira mais ampla os sistemas de relações sociais ou sexuais. Desde então, este conceito tem sido utilizado para descrever formas de construções sociais/culturais, nas quais possibilitam aos meninos e às meninas distintas maneiras de ser homem e se mulher, quer dizer, são os papéis sociais que lhes são atribuídos e que precisam ser reconfigurados nas práticas sociais possibilitando a desconstrução de uma ideia vigorada apenas no sistema binário de gênero.

Desse modo, são múltiplas as abordagens sobre gênero disponíveis na literatura, as quais Scott (1995) categoriza como descritivas, não casuais e causais. Estas proposições conceituais resultam de posturas feministas e buscam explicar a dominação masculina por meio de posições teóricas e políticas disponíveis em diferentes momentos históricos. No próximo capítulo propomos a delinear sobre essas categorizações.

## **2.6 Teorizando o Gênero**

As teorias de gênero tornaram-se multifacetadas, com várias ramificações, dentre elas aquelas que defendem que não persiste apenas um modo de ser homem e um modo de ser mulher, mas diversos modos, dos quais estão atribuídos de diferentes formas em uma mesma sociedade e culturas.

Desse modo, segundo Scott (1995), há duas categorias distintas, a primeira é essencialmente descritiva; que se refere à existência de fenômenos ou de realidades, sem interpretar, explicar ou atribuir uma causalidade. O segundo uso é de ordem causal e teoriza sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, procurando compreender como e porque eles tomam as formas que têm.

Trata-se de se referir de uma forma às origens puramente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. O conceito “gênero” é uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado, ou seja, com a propagação das pesquisas sobre sexo e sexualidade, ele se

tornou uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais<sup>4</sup> atribuídos à ambos.

Observando o estudo de gênero de maneira descritiva, segundo Burin e Meler (2000) apud Kohn (2014) pontuam que os modos de pensar, sentir e comportar-se de homens e mulheres advém das construções sociais que se dão de maneiras diversificadas e diferenciadas para eles e elas. Isto é, desde pequenos, meninos e meninas tomam para si modos de ser que dão origem às masculinidades e às feminilidades.

Assim sendo alguns/mas pesquisadores/as antropólogos/as, tem limitado o uso de gênero ao sistema de parentesco, ou seja, alinhando-se no lar e na família, mas Scott (1995) ressalta que o gênero não é construído somente, por meio do parentesco, ele necessita ser ampliado nos âmbitos do mercado de trabalho, na educação, no sistema político, na economia.

Conseqüentemente, por meio das percepções de Scott (1995) os/as historiadores/as feministas têm utilizado uma pluralidade de abordagens na análise do gênero, nas quais podem ser pontuadas em três posições teóricas de relações. A primeira, é uma tentativa inteiramente feminista, na qual empenha-se em explicar as origens do patriarcado, ou seja, as teóricas do patriarcado questionaram a desigualdade entre os homens e as mulheres de importantes maneiras mas, para os/as historiadores/as, suas teorias apresentam problemas, pois as teorias do patriarcado não mostravam o que a desigualdade de gênero tinham a ver com as outras desigualdades, isto é, uma teoria que se baseia na variável única da diferença física, ela pressupõe um significado permanente ou inerente para o corpo humano.

Por seguinte Scott (1995) elucida que, a segunda se põe no interior de uma tradição marxista e busca um compromisso com as críticas feministas, isto é, as primeiras discussões entre as/os feministas marxistas giraram em torno dos mesmos problemas do patriarcado: a rejeição do essencialismo daquelas/es que proviam que “as exigências da reprodução biológica” determinam a divisão sexual do trabalho sob o capitalismo; de inserir “modos de reprodução” nas discussões sobre o mesmo, o reconhecimento de que os sistemas econômicos não determinam de maneira direta as relações de gênero e que, de fato, a subordinação das mulheres é anterior ao capitalismo e continua sob o socialismo, na qual busca, uma explicação materialista que exclua totalmente as diferenças físicas naturais.

Ademais, a contrariedade que elas/eles enfrentam é o inverso, posto pela teoria do patriarcado, pois, no interior do marxismo, o conceito de gênero foi, por muito anos, aludido

---

<sup>4</sup> Segundo Scott (1995, p. 76), “nesse caso, o uso do termo “gênero” enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade”.

como subproduto de organizações econômicas cambiantes, ou seja, o gênero não tinha aí um status analítico independente e próprio.

Na sequência, Socott (1995) explicita a terceira posição teórica que está fundamentalmente segmentada entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relações do objeto, nas quais se inspira nas diferentes escolas de psicanálise para explicar de uma forma ampla a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. Ambas as escolas (Francesa e Anglo-Americana) estão preocupadas com os processos pelos quais a identidade do sujeito é idealizada, elas se centram nas primeiras etapas do desenvolvimento da criança a fim de encontrar pistas sobre a formação da identidade de gênero.

Desse modo, as posições teóricas de relações, ressaltam a influência da experiência concreta, isto é, a criança vê, ouve, tem relações com aqueles que se ocupam dela, em particular, notoriamente, com seus familiares, enquanto os/as pós-estruturalistas enfatizam o papel central da linguagem na comunicação, na interpretação e na representação do gênero.

Ademais, Kohn (2014) alega que usufruímos da categoria descritiva, na qual o gênero pode ser compreendido como um conjunto de crenças, atitudes, valores, comportamentos, traços de personalidade e atividades que tornam diferentes homens e mulheres e que colocam em pauta a lógica binária em que ambos são percebidos. Portanto, essa lógica tem se modificado com o reconhecimento da relação existente entre homens e mulheres. Segundo Souza (2009) apud Kohn (2014), se compreendermos o gênero sendo uma construção social relacional em que os sujeitos femininos e masculinos são produzidos uns em relação aos outros, podemos assim entender que o homem, mesmo estando ainda no domínio das relações de poder pré-estabelecidas em nossa sociedade, são confrontados a todo o momento pela resistência proposta pelo seu aspecto relacional.

Destarte, compreende-se que as novas formas de ser homem e ser mulher são uma conjunção para que essas múltiplas masculinidades e múltiplas feminilidades apareçam de modo a possibilitar novas relações entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e homens e homens. Nessa perspectiva, os dois precisam se perceber como sendo parte de relações nas quais ambos estão implicados enquanto sujeitos de direitos e de deveres, ou seja, colocando-se no lugar do/a outro/a, para que dessa forma possam construir novas peculiaridades de multiplicidades de ser homem e ser mulher.

### **3. Metodologia Científica**

A pesquisa tem como cunho básico, pois não irá utilizar a aplicação de práticas previstas, utilizando a teoria na possibilidade da ampliação do conhecimento científico que serão pautados em fragmentos de um artefato cultural. Nesse tocante, iremos fragmentá-las por pontos importantes levando em conta a discussão percorrida na fundamentação teórica.

O artefato se trata de um documentário audiovisual que foi escolhido por meio de muitas inquietações, sob as atitudes de comportamento diante os meus sobrinhos, por meio dos meus familiares, onde eles separam categoricamente o que é de menina e de menino, impondo incisivamente o que eles podem sentir, como eles devem sentir e quando eles devem sentir.

E isso é mais frisado sobre os meninos, os forçando a uma masculinidade viril e precoce, reprimindo totalmente as fases da criança, isto é, as fases que eles tentam descobrir os sentimentos, emoções, autonomia e até a sua sexualidade. Fui instigada a problematizar sobre o tema diante aos discursos de validação de uma masculinidade hegemônica: “Homem não chora”, “Iih, você está igual mulherzinha”, “Você é homem rapaz, faz isso como homem”, “Homem não brinca de boneca e nem de casinha” entre outras falas machistas.

A escolha do documentário se deu a partir de anúncio documental norte-americano que pautava diretamente a emoções, fiz um *repost* do mesmo em uma rede social fazendo uma crítica em como enquanto sociedade não pensávamos sobre essas questões de emoções masculinas, porém não conseguimos ter acesso a ele. Um amigo em comum me apresentou uma página chamada PdH (Papo de Homem), na qual estava para lançar um documentário a dois meses antes da escolha do tema desta monografia, discutindo sobre as dores, qualidades, omissões e processos de mudança dos homens.

Para além disso, a metodologia da pesquisa terá caráter qualitativo, pois estará em contato direto com objetivo e o material a serem estudados, acerca de obter respostas e levantar problematizações do assunto. Com ênfase na observação e fragmentação documental, do documentário intitulado “*O silêncio dos homens*” estreado em 29/08/2019 com todo um suporte de pesquisa no campo quantitativo e qualitativo. A direção, captação, produção e montagem do documentário foi da Monstro Filmes, com a identidade visual do Estúdio Nono e com fundamental apoio institucional da ONU Mulheres, a Natura Homem e Reserva, sendo estes os viabilizadores da pesquisa no qual fizera parte de todo o movimento do documentário.

Destarte, vale frisar que a pesquisa documental não é a mesma coisa que a pesquisa bibliográfica, pois segundo Prodanov e Freitas (2013, p 55) a pesquisa bibliográfica utiliza-se da “fundamentação das contribuições de vários autores e a documental se baseia em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Desse modo, a utilização da pesquisa documental nesse trabalho

tem como cunho de fontes de primeira mão, como já dito anteriormente, que não receberam modificações ou tratamento analítico, no qual o documento deverá passar por uma avaliação mais crítica levando em conta a autenticidade e da origem da pesquisa.

Ademais, vale ressaltar que para embasar todo esse estudo e o tratamento analítico, irei fundamentar em ideias e pressupostos de teóricos/as que pesquisam e abordam as temáticas: masculinidade, feminilidade, gênero e sexualidade.

Por fim, vale ressaltar como isso me afeta e afeta aos meus, me impulsionando a questionar e discorrer sobre o assunto. E no que tange os objetivos da pesquisa será exploratório, pois as informações serão precisas sobre o assunto, isto é, abordam especificamente sobre as inquietações ditas anteriormente e oferece uma liberdade em sua análise, pois permite mover-se por diversos caminhos do conhecimento, possibilitando assim em um resultado ou em uma problematização instigando nossos pensamentos.

#### **4. Análise do documentário “*O silêncio dos Homens*”**

O objetivo da análise do documentário “*O silêncio dos Homens*” (2019) é pontuar o quanto necessário é o diálogo sobre gênero, sexualidade, diversidade, feminilidades, masculinidades, sentimentos e emoções seja com homens/meninos ou com mulheres/meninas e mostrar o quanto o patriarcado e as masculinidades hegemônicas rompem com essas possibilidades discursivas, como eles oprimem e estimulam a virilidade, violência e estereotipam que para ser “homem de verdade” tem que inibir seus sentimentos e emoções e é necessário ser e agir dentro desses limites da insensibilidade, da repressão e da negação.

O documentário foi feito com a proposta de mostrar que existem infinitas possibilidades de ser homem e desconstruir essa ideia de “homem único” que reverbera ainda em nossa sociedade, veio pontuar as masculinidades existentes, sendo elas, masculinidades hegemônicas, masculinidades cúmplices e masculinidades subalternas. Teve como objetivo entrevistar cerca de 40 mil pessoas para elencar essas questões. Apresentando os impactos dessas masculinidades que corroboram para que a educação seja pautada em desigualdade de gênero sob a identidade dos homens e em como essas consequências contribuem para a conservação da cultura de violência que afeta homens e mulheres.

Ademais, foram selecionados 4 recortes (de 1 a 4 minutos de duração). São dois trechos que pontuam, as questões da masculinidade hegemônica/tóxica e outros dois que dizem respeito às possibilidades de uma nova masculinidade e um novo homem, no qual ele possa expressar os seus sentimentos e emoções, de modo que não se sinta reprimido e sim acolhido,

seja diante outros homens, diante a si mesmo e diante a sociedade como um todo, fazendo que esses homens quebrem o silêncio e dialoguem com o que os aflijam.

#### **4.1 Recortes**

##### **Recorte 1**

O recorte se passa entre 00 minutos e 25 segundos até os 4 minutos e 35 segundos.

Já no começo podemos ver como a masculinidade hegemônica impõe postura de represália que impacta na educação socioemocional dos homens. Dessa maneira, o relato do agricultor José Antônio Ciríaco Neto enuncia sobre a postura que seu pai teve em sua infância, onde ele era punido e não tinha a liberdade de diálogos e quando iam sentar para conversar já era com a “tabica” na mão. Na continuidade do relato José menciona que tinha dias que seu pai fazia ele e seus irmãos se punirem, se fizessem algo que não estivesse alinhado com o imaginário do homem viril, forte, macho ou que descumprissem suas obrigações na roça. Esse mesmo homem só se viu vulnerável quando descobriu que sua mulher estava grávida e poderia respirar aliviado, pois não iria fazer com o seu filho o que seu pai fez com ele.

Em continuação, um dos diretores do documentário relata que antes tinha uma postura totalmente tóxica e violenta com quem ele amava, consigo próprio com amigos e com pessoas da rotina do seu trabalho e por isso achava que estava tudo bem ser assim, para ele as pessoas tinham que sempre aceitar da forma como ele impunha. Hooks (2000) enfatiza que isso ocorre por eles sentirem que a vida será ameaçada se esses privilégios lhes forem retirados, já que no decorrer da vida não estruturam qualquer identidade que seja essencialmente significativa.

Logo em seguida, o jornalista e pesquisador de masculinidade Ismael dos Anjos, pontua que desde muito tempo se viu na posição da necessidade de reafirmar a sua masculinidade por ser um homem negro, mirando em uma construção do que seria ser um homem cada vez melhor e para igualar aos meninos brancos da sua sala.

Desse modo, são apresentadas várias falas de idealização da masculinidade hegemônica do que é ser um homem único e viril como: “Para ser macho tem que ser viril, tem que ser competidor”; “Homem mesmo tem que estar na roça”; “ O homem sai para trabalhar e traz o sustento de casa e a mulher fica em casa fazendo os afazeres”; “Deus mandou assim, Deus disse que homem é isso, mulher é isso e família é isso, ou você faz a vontade dele ou está no pecado”.

Congruente a isso, o pastor explicita que esses estereótipos de que eu não preciso de ajuda, homem não chora, que “aparentemente” são expressões de força, de potência, que na verdade são grandes expressões de covardia, medo e temor de mostrar para a sociedade hegemônica de ser, explicitamente e publicamente, fraco e vulnerável. E ainda pontua que “quebrar o silêncio”, a respeito de sua própria fraqueza e vulnerabilidade é uma forma de humanizar-se.

O documentário volta a frisar juntamente com a fala do psicólogo e pesquisador em masculinidades, gênero e saúde Eduardo Chakoba que os homens desde pequenos são obrigados a forjar uma identidade masculina que é uma imagem baseada na força e na não sensibilidade. E isso é como se o emocional e a parte afetiva não pudessem vir a exteriorizar-se, pois eles têm que manter sempre a postura de macho, criando assim uma camisa de força no universo masculino e fazendo com que esses homens cresçam com suas emoções todas trancafiadas, na maioria das vezes. O psicólogo ainda pontua que isso explica muito o porquê de os homens precisarem competir o tempo inteiro, se colocar em risco o tempo todo para provar sua honra.

O jornalista Ismael dá continuidade a esse raciocínio de que ser capaz de identificar esses poucos sentimentos e não conseguir nomeá-los, é uma das razões que levam vários homens a usar violência como linguagem e toda essa linguagem vai transcorrendo a relação do homem consigo mesmo, com outros homens, mulheres, filhos, família e o ambiente de trabalho.

## **Recorte 2**

O recorte se passa entre 33 minutos e 45 segundos até os 38 minutos e 49 segundos.

O segundo recorte ressalta o que é ser homem negro nessa sociedade que a masculinidade hegemônica domina, para além do que Vigoya (2018) evidencia a partir do simbolismo da sexualidade e estereotipação como homem viril e forte desde a época da colônia em que os “homens brancos” se sentiam ameaçados, por essa masculinidade. E pontua as questões referentes ao que a sociedade pensa desse homem e sobre sua posição histórico cultural, no qual precisa reafirmar todos os dias os seus ideais, a sua raça/etnia, sua cor e o seu pertencimento no mundo.

Nessa perspectiva Túlio Custódio (sociólogo), enfatiza que a categoria existencial do homem, o homem com “H” maiúsculo, é a categoria do homem branco, ou seja, ele é a referência de potencial de homem, o que se espera e o que se pensa de homem ideal. E o homem

negro não é e não se encaixa nesse ideal de homem. Diante a célebre frase que ele cita do Frantz Fanon (1951) “O homem negro não é um homem”, diz respeito a condição desse homem negro de que ele tem sempre que correr atrás do prejuízo em relação ao que você pode fazer para ocultar esse lugar do ser negro, fazendo assim que ele se constitua para aproximar do que é ser um homem branco.

Desse modo, outro aspecto a respeito da masculinidade do homem preto é de que ela permeada em algumas circunstâncias pela violência, assim como o Felipe Cirilo - educador e bailarino pontua, podemos cegamente entrar nessa lógica de repudiar a violência em relação ao homem preto e nunca olhar para os reais motivos que construíram esse ambiente violento que cerca este homem, que o mata a cada 23 minutos.

Ele também esclarece que a partir desse ponto podemos enxergar o racismo, que é muito bem estruturado e preparado, pois faz com que os homens negros sofram e sejam cada vez mais estigmatizados socialmente. E dentre todo esse processo qual é probabilidade de os homens negros ocuparem um lugar na sociedade e desconstruir o patriarcado quando eles são marcados por séculos de opressões e uma sociedade estruturalmente racista? Felipe completa que esse processo de embranquecimento faz com que eles não consigam mais reerguer-se tendo dificuldades para restabelecer uma noção de povo, pois o homem negro grita de diversas maneiras para que consiga se enxergar diante as referências que os contemple.

### **Recorte 3**

O recorte se passa entre 17 minutos e 00 segundos até os 20 minutos e 32 segundos.

Esse terceiro recorte foi escolhido com a perspectiva de mostrar as possibilidades de desconstrução da masculinidades hegemônicas por meio da roda de conversa após o evento anual “Homens Possíveis” no espaço UDJAIN<sup>5</sup>- São Paulo, onde o mentor, fundador do Papo de homem e produtor do documentário Guilherme Nascimento faz a seguinte pergunta para os demais que estavam na roda: “Existe ou não existe um movimento de transformação dos homens acontecendo hoje?” e o primeiro a falar é o Túlio, em que expõe que acerca de cinco anos pra cá, talvez não seria possível ocorrer, mas que está acontecendo, porém ainda não é perfeito, ainda não resolveu os problemas, mas se formos pensar que as mulheres estão organizadas há pelo menos cem anos e também não resolveram os problemas, então é uma coisa a vir, mas existe.

---

<sup>5</sup> Núcleo de Cultura e Medicina Integrativa LTDA.



Diante disso, eles realizaram uma pesquisa nacional, na qual escutaram mais de quarenta mil pessoas, sendo homens e mulheres, de todas as idades, raças, classes e regiões. Posto isto, mapearam mais de dezenas de iniciativas trabalhando com os homens e as masculinidades de norte a sul do Brasil, nas quais foram pessoalmente conhecerem algumas delas.

Sendo assim, ocorreu em Brasília - Distrito Federal o primeiro encontro nacional de “Homens em conexão”, no qual reuniu os grupos/movimentos de homens que existem no Brasil. Dessa maneira o mestre em psicologia clínica Fernando Henrique Resende, ressalta que sua história é como de muitos homens com um modelo de masculino bem machista, com o qual ele não se identificava de maneira alguma, com a falta de referências de outras possibilidades de ser homem, com um conflito interno de como pertencer a esse mundo masculino, sendo que ele não se identificava. E estar na presença e nos espaços com esses outros homens e com essa pluralidade de ideias de ser masculino lhe deu uma sensação de pertencimento, pois viu que o modo de ele ser homem com sentimentos, emoções, reconhecimento da mulher na sociedade (que é onde ela quiser) do alívio do próprio reconhecimento de si também é bom, prazeroso e belo.

Diferentemente do senhor José Bueno - arquiteto social, aikidoca e aquarelista que esperou entre trinta e quarenta anos para essa possibilidade de encontro acontecer e poder ter uma discussão saudável sobre masculinidade e em como eles estão sendo homens diante a comunidades, entre eles, com as mulheres e na sociedade como um todo. No qual buscava a ter conhecido a muito tempo atrás para essa pluralidade de ser homem, fora do padrão normativo da masculinidade hegemônica.

Fernando evidencia também que para ele esse movimento com os homens é importante pois é algo que cultiva o amor fraterno, da possibilidade de experimentar as emoções, sentimentos, medos, angústias de colocar para fora todos os anseios com quem eles não tinham a chance de expressar sem serem julgados. Nesse sentido,

[...] garotos precisam ter a autoestima saudável. Eles precisam de amor. E políticas feministas sábias e amáveis podem proporcionar a única fundamentação para salvar a vida dos garotos. O patriarcado não via curá-los. Se esse fosse o caso, todos eles estariam bem (HOOKS, 2000, p. 82).

Porém, vale reforçar que eles precisam reconhecer seus privilégios, assim como a escritora e ativista Antonia Pellegrino pontua, que eles precisam se entender nesse lugar e saber se pensar a partir disso e saber se recolocar, mas também perceber como às vezes é hora de se

recuar, hora de ouvir, de se abrir espaço para outras pessoas. Questionar os significados de suas condutas, mas não porque se viram instigados a refletirem, mas sim porque houveram mudanças na sociedade que os impulsionaram à desconstrução. Fazendo com que eles entendam as possibilidades de pluralidades frente as novas masculinidades, onde estão sendo produzidas e perpetuadas desde os anos 80 e 90 pelos movimentos feministas.

#### **Recorte 4**

O recorte se passa entre 49 minutos e 20 segundos até os minutos e segundos.

O quarto e último recorte foi elencado para mostrar que há infinitas possibilidades de ser masculino diante da sociedade, mesmo com toda influência do patriarcado e as masculinidades hegemônicas, esses estudos e pesquisas sobre esse “novo homem” são recentes, pois, a pluralidade masculina só começou a ser discutida nos inícios dos anos 90 com as perspectivas e potencialidades enfatizadas pelos movimentos feministas.

Como já supracitado anteriormente, o último recorte começa com um questionamento: "Qual é a percepção das mulheres sobre o progresso dos homens?"; diante das pesquisas<sup>6</sup> feitas com 40 mil pessoas foi possível responder essas questões, sendo que 50% das mulheres concordam, em algum nível, que os homens estão agindo de modo menos machista nos últimos anos e 65% delas afirmam que os homens que são pais estão participando cada vez mais. Todavia, 54% acreditam que eles ainda não entenderam completamente que elas merecem as mesmas oportunidades e direitos. Somente 24% das mulheres acham que os homens estão assediando menos. Se formos parar para pensar são porcentagens a se considerar com relação aos avanços dos estudos e a possibilidades de uma nova masculinidade, porém há muito a ser melhorado e trabalhado para que essas mulheres se sintam seguras com seus companheiros e os homens melhores consigo mesmo.

Mas, daí vem outro questionamento: “Mas será que eles estão confrontando seus amigos?”, ou seja, será que esses mesmos homens que querem mudanças e serem um novo homem estão instigando seus amigos a irem na mesma direção. Seis em cada dez homens afirmam já ter deixado de lado pelo menos uma atitude machista e homofóbica apontada por outra pessoa e cinco em cada dez homens de até 17 anos afirmam confrontar seus amigos com frequência. Muitos parecem ter dado um primeiro passo para essa mudança, o que é satisfatório, mas ainda há vários outros degraus pela frente.

---

<sup>6</sup> Fonte: Pesquisa “O silêncio dos homens” por PapodeHomem/Instituto PdH + Zooma Inc. (2019).

Dessarte, o psicólogo clínico e escritor Fred Mattos, elucida que quando o homem se percebe machista, ele mesmo se questiona sobre, não é algo só racional, também há um componente emocional muito forte que o faz pensar, onde ele (homem) se vê/fica no escuro, perdido, sem saber o que ele é de fato. Nesse caso, até que ele se encontre em uma nova identidade que seja segura, reconfortante, que lhe traga benefícios, não irá abandonar aquela outra identidade que tem muita familiaridade, onde viveu até aquele momento de desconstrução.

Muitos ainda se reconhecem como sendo machista, viveu e foi criado nessa cultura, mas há possibilidades de se educar e de aprender a ser um novo homem, por meio às relações, através de diálogos para ir quebrando aos poucos os paradigmas socioculturais dessa sociedade. E um bom começo para isso, é reconhecer e demonstrar a consciência do próprio lugar e de respeito pelo outro nas divisões de afazeres dentro de casa, nas relações com outras mulheres/homens diante do contexto social, na busca de uma postural de mais equidade, no enfrentamento à violência.

Nessa perspectiva quebrar o silêncio, conversar e promover o processo de transformação do diálogo com os homens é um excelente primeiro passo, pois eles não tiveram a oportunidade de aprender a conversar e a partilhar disso com outros. Pode ser um início de interagirem melhor com o mundo e se sentirem acolhidos gerando a transformação.

Consequentemente, os benefícios dessa transformação são nos pequenos passos individuais, depois vai se transfazendo socialmente em grupos de amigos. Ismael dos Anjos diz que não dá para voltar atrás, quando ocorre essa mudança de comportamento, uma vez que conseguem escutar mais, você aprende a ficar mais calado, uma vez que aprende a sentir mais empatia, colocar isso em movimento e de repente, já é um homem diferente que era a quatro, cinco anos atrás, mas não só, mas às vezes diferentes do que era da última conversa que teve com alguém.

## **5. Considerações Finais**

Acerca de tudo que foi pontuado até aqui, é necessário destacar que não há como dialogar sobre as masculinidades sem a conscientização social e histórica diante todos os movimentos de gêneros, sexualidades, feminilidades e masculinidades. Abordar sobre as diferentes masculinidades é compreender onde nós reconhecemos nessa dinâmica social, no sentido de levarmos em consideração as relações de poder tendo a consciência dos privilégios

que são estabelecidos por essas masculinidades nos fazendo questionar que alguns pontos necessitam ser reivindicados.

Dessa forma, visualizamos por meio do documentário que as pluralidades de masculinidades são reais, não é algo que está distante, existem movimentos/grupos de norte a sul que discutem sobre essa problemática e que o patriarcado e masculinidades hegemônicas engessam nossa sociedade. Pelo documentário observamos que os homens já estão enxergando a necessidade de quebrar o “silêncio” que os reprimem que são os das emoções, sentimentos e vulnerabilidade por medo de serem taxados por essa sociedade.

Dar a eles a chance de uma educação socioemocional, na qual de fato possam quebrar esses tabus/silêncios de que homem não sente, não chora, tem que ser viril e macho a todo momento, sem nenhuma exceção e a todo custo, desconstruindo com o que está engendrado ou não faz parte da sociedade sociocultural cultivada pela masculinidade hegemônica e pelo patriarcado, que o único homem absoluto tem que ser violento e oprimir os seus sentimentos para não serem julgados por outros homens, por si mesmo e por mulheres (machistas) de que acreditam que homem tem que ser símbolo de força e resistência emocional.

Ainda há muitas dicotomias perante esse assunto, mas precisamos dialogar para que elas sejam quebradas junto com os paradigmas que são possibilidades de mudança do homem, pois quando estão dispostos a dialogar, a ouvir o outro, a se reconhecerem e sentirem desconfortáveis com suas atitudes e modos de pensar e agir há assim chances reais de rompimento com esse sistema repressor.

Destarte, o documentário ressalta que surgiram vários movimentos sociais e institutos acerca de trabalhar esse assunto como: Noos<sup>7</sup>; Promundo<sup>8</sup>; Benedito Medrado; Jorge Lira; Marcos Nascimento; Movimentos Guerreiros do Coração; ou seja, há iniciativas surgindo pelo Brasil inteiro, sendo de cunho espiritual, corporal, político que trabalham com a perspectiva da raça, da paternidade, das classes e de várias outras temáticas.

Necessitamos de mais homens dispostos a criar e serem protagonistas sociais desses espaços de transformação, com a coragem de assumir responsabilidades pelos seus atos, para escutar as mulheres, para abrir o coração e serem vulneráveis podendo ajudar a construir vidas

---

<sup>7</sup> O Instituto Noos é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1994 e reconhecida como de Utilidade Pública Federal. Noos significa “mente” em grego. Outra referência ao nome da instituição é a “Noosfera”, conceito do filósofo Teilhard de Chardin, que dizia que a Terra está coberta por uma camada de pensamentos e ideias, uma conexão entre todas as mentes e povos do planeta (Sobre o Instituto Noos; noos.org.br/instituto/).

<sup>8</sup> Promundo é uma organização não governamental brasileira, sem vínculos institucionais com organizações estrangeiras, que atua em diversas regiões do Brasil e outros países do mundo buscando promover a igualdade de gênero e a prevenção da violência com foco no envolvimento de homens e mulheres na transformação de masculinidades (Sobre o Promundo; promundo.org.br/sobre-o-promundo).

melhores. Não é uma reflexão para idealizar homens dóceis, bonzinhos e virtuosos, muito menos de “novos homens”, é uma reflexão para pontuar que há possibilidades de pluralidades e possíveis diferentes masculinidades que não a hegemônica.

## 6. Referências:

CECCARELLI, P. (2013). *Reflexões sobre a Sexualidade Masculina*. Doutor. Universidade de Paris VII.

ECCEL, Claudia Sirangelo; GRISCI, Carmem Lúcia Iochins. Trabalho e gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 9, p. 57-78, 2011.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019, 9ª edição.

INSTITUTO Noos: Sobre o Instituto Noos. [S. l.], . Disponível em: <https://noos.org.br/instituto/>. Acesso em: 18 out. 2021.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

O SILÊNCIO dos homens. Direção: Ian Leite e Luiza de Castro. Produção: PapodeHomem e Instituto PdH. Fotografia de Estudio Nono. Gravação de Monstro Filmes. Youtube: Natura Homem & Reserva, 2019. Disponível em: youtube. Acesso em: 4 out. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

PROMUNDO: Sobre o Promundo. [S. l.], . Disponível em: <https://promundo.org.br/sobre-o-promundo/>. Acesso em: 18 out. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SIGNIFICADO: Significado de Virilidade. [S. l.], 1 jan. 2015. Disponível em: [significados.com.br/virilidade](http://significados.com.br/virilidade). Acesso em: 4 ago. 2021.

SIMPLE Organic: SAIBA O QUE SIGNIFICA CADA LETRA DA SIGLA LGBTQIA+. [S. l.], 28 jun. 2021. Disponível em: <https://simpleorganic.com.br/blogs/simple-blog/sigla-lgbtqia?page=1>. Acesso em: 4 ago. 2021.

STREY, Marlene Neves; VON MÜHLEN, Bruna Krimberg; KOHN, Kelly Cristina. **CAMINHOS DE HOMENS: GÊNERO E MOVIMENTO**. EDIPUCRS, 2014.

VIVEROS VIGOYA, Mara. As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. **Rio de Janeiro: Papéis Selvagens**, p. 29-30, 2018.